



Joel Neto*

Se tens um jardim e uma biblioteca

Os que, mesmo nascendo no Inverno, pouco sabem do frio

«É pôr os olhos no que se passa no Reino Unido. Tanto têm os populismos a oferecer-nos. Como já o tinham demonstrado Trump ou Bolsonaro, co-responsáveis (entre tantas outras coisas) pela morte inútil de centenas de milhares de concidadãos às mãos da covid-19.»

1. Neste momento ninguém sabe o que vai acontecer no domingo, e isso torna o ciclo eleitoral que vivemos tão fascinante como assustador. Costa jogou alto com a apresentação de um Orçamento de Estado preparado para o chumbo, em busca de uma maioria absoluta, e agora corre o risco de perder as eleições. Os partidos do espectro democrático preferiram os princípios aos valores, sacrificaram o sentido de Estado e agora podem ver a extrema-direita entrar na equação de poder, ainda por cima sem a garantia de que os representantes nacionais da dita sejam tão inábeis como os dos Açores (nem, aliás, a coligação de governo, qualquer que ela seja, tão responsável).

É o que nos sugerem as sondagens. Que, por outro lado, têm batido sistematicamente errado. E que não vão bater mais certo apenas porque os chamados «peritos», na verdade proprietários das empresas que as realizam, se mobilizam para as defender, a elas e ao seu negócio.

Hoje, as sondagens influenciam o sentido de voto, a cobertura mediática da campanha e as próprias congeminações sobre as alianças de poder. Há até partidos que reclamam novas posições nos (e exclusões dos) debates televisivos, ao arripio da letra da lei, em função delas. É preciso reconhecê-las como um instrumento essencial e, aliás, como um instrumento científico, não obstante a inexactidão das ciências sociais. Mas torna-se imperioso, neste tempo de fragmentação do voto, pulverização dos canais de comunicação e, ademais, desequilíbrios pandémicos – nas psiques individuais e na(s) psique(s) colectiva(s) –, retirar-lhes peso no processo.

Eu votei no domingo passado, de acordo com o conselho do primeiro-ministro. Como percebia a importância do momento e queria que o meu voto de facto contasse, excluí à partida os partidos incapazes de eleger deputados pelos Açores. Entretanto, li as sondagens, tentando perceber como poderia ajudar (mais do que a eleger alguém) a evitar a entrada da extrema-direita no chamado «arco da governação» a nível nacional também. E, portanto, fui obrigado a fazer uma leitura holística e extrapolada das sondagens das últimas semanas, todas elas contraditórias. E a arriscar.

As últimas dizem que arrisquei bem. Mas quem nos garante que não estão erradas?

2. Entretanto, a partir das 24h00 de hoje entramos no chamado dia de reflexão. Evidentemente, preocupa-me pouco cumpri-lo. Dia de reflexão, semana de silêncio, mês e meio de lei da rolha: sabe-me bem violar esse tipo de coisas. Em regra – e também neste caso – respondo às perguntas que me fazem no dia em que mas fizerem. A não ser que não queira responder, e nesse caso é difícil que alguém me arranque uma palavra.

Mas o facto é que o dia de reflexão existe mesmo, e é uma anedota. Vinte e quatro horas de silêncio e, depois, os cartazes dos partidos ficam a conspurcar a paisagem durante mais um mês ou dois, dia de reflexão incluído? É de uma hipocrisia desconcertante. Como o é a perseguição de pessoas que manifestam o seu sentido de voto em publicações no Facebook enquanto os sites dos partidos continuam *online*, com apelos ao voto em publicação permanente. Ou o eleitor ter de sussurrar em redor da mesa de voto e os líderes partidários poderem manifestar a sua imensa tranquilidade e/ou

votar a horas estratégicas e/ou acompanhados de uma *entourage* destinada a fazê-los parecer aquilo que crêem dar-lhes jeito parecerem – tudo transmitido em directo pela televisão, pelas rádios e pelos *sites* informativos em plena jornada eleitoral.

Naturalmente, eu gostaria de que o nosso sistema mantivesse decoro o suficiente para não termos acções de campanha à boca das urnas, e provavelmente isso teria de ser expresso na lei. Tudo o mais é condescendência, o que ao mesmo tempo «fomenta a» e «resulta da» escassez de massa crítica entre o eleitor e a população. Nós, eleitores, estamos na mão destes partidos e preparamo-nos para reforçar os piores deles. Somos verdadeiramente (como nos versos d'*A Terceira Miséria*, de Hélia Correia) «Os que, mesmo nascendo no Inverno,/Pouco sabem do frio...» E:

*«A terceira miséria é esta, a de hoje.
A de quem já não ouve nem pergunta.
A de quem não recorda...»*

Esse é o retrato a fazer deste tempo de vozeria, de polarizações e de raiva. Mas, enfim, talvez até possamos provar a inutilidade do meu pessimismo. Depois das boas audiências recolhidas (mesmo assim) pelos maus debates televisivos, as sondagens também dizem que talvez forcemos menos do que se podia temer os partidos com as piores intenções. E, no entanto – insisto –, quem pode acreditar nelas? E como poderemos nós assegurar que a tranquilização que nos proporcionam não desmobiliza, paradoxalmente, pelo menos uma parte daqueles que poderiam votar do lado do bem?

3. É pôr os olhos no que se passa no Reino Unido, por exemplo. Depois do Brexit, do agendamento da destruição da BBC para 2027 ou desastroso combate à pandemia, Boris Johnson está agora a braços com o escândalo de quinze – repito: 15 – festas ilegalmente realizadas durante a pandemia, e de que foi anfitrião em Downing Street. Já foi humilhado em eleições intercalares e, neste momento, há dirigentes do seu próprio partido que pedem «pelo amor de Deus», de balde, que se demita. «*For God sake!*», apelam – *ipsis verbis*.

Tanto têm os populismos a oferecer-nos. Como já o tinham demonstrado Trump ou Bolsonaro, co-responsáveis (entre tantas outras coisas) pela morte inútil de centenas de milhares de concidadãos às mãos da covid-19. Apela ao que de mais revoltado e odioso há em nós e, em retribuição, não têm mais do que este género de legado a deixar. Talvez, até ao momento do voto, possamos pensar nesses exemplos. Ou então vamos ver o que o Bruno de Carvalho anda a aprontar no *Big Brother Famosos*, e que se lixe.

*Escritor e membro do programa da RTP Açores Novo Normal (quartas e quintas-feiras à noite)